

O IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA DAS MULHERES: A DISTRIBUIÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS¹

Rebeca Cristina de Souza
rebecasoucristina@gmail.com²

Bárbara Lino Afonso
barbaralino1234romru@gmail.com³

Hadassa Castro de Souza
hadassacastro688@gmail.com⁴

Igor Cauê Vieira de Oliveira Pinto
igor.caue.geo@gmail.com⁵

Resumo

A violência contra as mulheres é um problema estrutural em nossa sociedade. No cotidiano, as mulheres enfrentam diversos tipos de violência, seja nas ruas, no trabalho ou dentro de suas próprias casas. Essa violência também afeta diretamente a vida delas, retirando-as a liberdade e conseqüentemente seus direitos. Ao abordarmos a questão das mulheres, é fundamental compreender como elas estão distribuídas na sociedade, considerando como raça e classe social. Em Campinas, uma cidade com mais de 1 milhão de habitantes, de acordo com o censo do IBGE de 2022, observa-se uma frequência alarmante de violência contra as residentes, especialmente em áreas periféricas e de maior vulnerabilidade social. Este estudo, desenvolvido por alunas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM) do Instituto de Geociências da Unicamp, tem como objetivo compreender e analisar a distribuição da violência de gênero no município de Campinas durante o período da pandemia, por meio de uma abordagem geográfica. Este projeto utiliza a metodologia do PBL (Problem-Based Learning). A análise revelou que o período da pandemia impactou de modos diferentes as denúncias de violência contra as mulheres nas diversas regiões de Campinas, destacando-se o fato de que os principais

¹ O presente trabalho é produto de uma pesquisa de Iniciação Científica no Ensino Médio. Agradecemos ao CNPq e a Unicamp pelo fomento da presente pesquisa.

² Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas. Ex-aluna do Ensino Médio na E. E. Profa. Rita de Cássia da Silva e bolsista do Programa PIBIC-Ensino Médio no projeto Viver a cidade.

³ Aluna do Ensino Médio na E. E. Reverendo Prof. José Carlos Nogueira e bolsista do Programa PIBIC-Ensino Médio no projeto Viver a cidade.

⁴ Ex-aluna do Ensino Médio na E. E. Dr. Paulo de Almeida Nogueira e bolsista do Programa PIBIC-Ensino Médio no projeto Viver a cidade

⁵ Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas.



agressores estão próximos às pessoas vítimas e, principalmente, o aumento acentuado de registros na região sul do município.

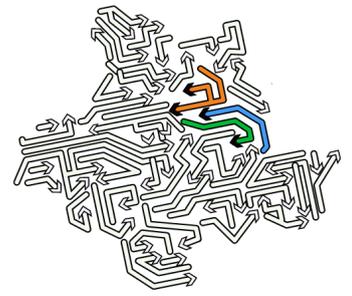
Palavras-chave: Covid-19; machismo; violência de gênero.

Introdução

Esta pesquisa foi realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), durante 2021 e 2022, ainda enquanto estudantes do Ensino Médio e que, inclusive, traça o início da trajetória profissional de uma das estudantes na Geografia. Para além das metodologias aplicadas e o conteúdo analisado, o problema estudado atinge diretamente a nós pesquisadoras, que enquanto jovens mulheres, tivemos a oportunidade de entender a situação problema por meio da ciência geográfica. É importante utilizar esta pesquisa não apenas para seu objetivo principal, que é compreender a violência contra as mulheres no município de Campinas, mas também para perceber e divulgar a importância de programas como o PIBIC-EM, incluindo jovens estudantes da rede pública (municipal e estadual) na universidade e os estimulando a se tornarem pesquisadores.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio (Pibic-EM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) proporciona a aproximação da universidade e dos estudantes do Ensino Médio das redes públicas municipal e estadual dos municípios da Região Metropolitana de Campinas. Sua proposta possibilita a imersão do aluno na vivência acadêmica por meio de atividades de Iniciação Científica em uma das áreas do conhecimento (Exatas, Tecnológicas, Biomédicas, Humanidades e Artes) (LIMA, PINTO, CECIM M, 2022, p. 2)

Em nossas discussões antes da decisão acerca do tema da pesquisa, a violência sempre se tornava central, especialmente pelo momento pandêmico vivenciado no período da realização da pesquisa. As mulheres estavam muito vulneráveis durante a pandemia e isso diz respeito a todos os espaços que nós ocupamos: casa, trabalho, escola, universidade, entre outros. Por esse motivo, o tema era sensível para nós, pesquisadoras, mas acima de tudo, reconhecemos a iminência dessa discussão no município de Campinas. Ao longo dos meses em que estivemos envolvidos no projeto, passamos a compreender a importância da Geografia para a nossa análise.



Desde a infância, as mulheres são criadas de maneira diferente dos homens, geralmente sendo estimuladas a aprender um papel de gênero específico e sendo educadas para serem mais femininas, delicadas e cuidadosas, sem estímulos às atividades que normalmente os meninos fazem. Pode parecer algo banal, mas essa implicação do papel de gênero e a diferença de tratamento entre os sexos perpetuam violências cometidas contra mulheres diariamente. Mary Wollstonecraft (1792), mulher iluminista, considerada a mãe do feminismo, defende que mulheres tivessem a mesma educação que os homens e assim, não fossem mais submissas a eles. A pauta defendida por Wollstonecraft continua atual e ainda mais profunda. Hoje entendemos que as raízes do machismo são difíceis de serem erradicadas e que essas mesmas raízes mantêm mulheres reféns de seus agressores, mesmo em uma época em que o divórcio e a anulação de casamentos são comuns. Independente de religião, etnia ou classe social, as mulheres são atacadas diariamente, tendo seus corpos, espaços e direitos violados.

Iniciamos as atividades do PIBIC-EM em outubro de 2021 e utilizamos como principal metodologia o Problem-Based Learning (PBL). O PBL é uma abordagem de metodologia ativa que se baseia na resolução de problemas e foi aplicada de maneira consistente durante toda a pesquisa. Por meio do uso dessa metodologia, aliada ao arcabouço teórico da Geografia e ao auxílio do método cartográfico, nosso objetivo foi construir uma análise geográfica da violência doméstica em Campinas para identificar os principais pontos de ocorrência da violência e compreender as características sociais e socioeconômicas das vítimas.

A violência de gênero permanece como um problema que está intrinsecamente associado às diferenças sociais, econômicas, étnicas, sexuais, regionais, entre outras. A combinação desses fatores revela quais são os públicos que representam as maiores vulnerabilidades a violações e agressões. A partir de uma relação aberta e múltipla, a estruturação da sociedade em bases desiguais na construção social dos gêneros acaba por promover a manutenção social da violência, mais especificamente, contra a mulher (ROSSETTO, 2021, p. 376).



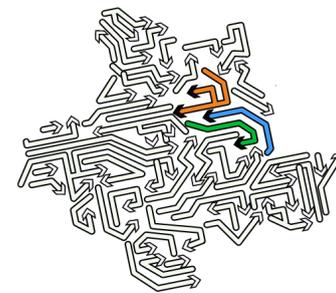
Assim, guiados pela metodologia do PBL, partimos da seguinte pergunta-problema: Como o período pandêmico impactou nos casos de violência contra jovens mulheres no município de Campinas. A construção dos mapas também foi muito importante na análise geográfica da pesquisa, eles apontam os pontos mais relevantes sobre a violência em Campinas e também ajudam na identificação visual dos problemas encontrados. Os mapas mostram o fenômeno analisado de maneira espacial, a partir da regionalização de Campinas e assim, facilitam a leitura dos dados e informações ligadas ao tema, mostrando aspectos de cada região da cidade, as ocorrências e as características dos lugares onde a violência ocorre. A produção dos mapas é muito importante em todo o processo da pesquisa, pois expande e facilita a análise das pesquisadoras. Nas seções a seguir, apresentaremos os resultados alcançados durante o desenvolvimento do projeto.

Orientações Metodológicas

No processo de aprendizagem e construção do projeto utilizamos o método PBL (Problem Based Learning). De acordo com Castellar e Moraes (2016), o método introduz o aluno no centro da pesquisa, investindo na construção do conhecimento através da investigação de um problema, recorrendo à pesquisa em fontes eficazes para a resolução deste.

Durante a primeira etapa do projeto, foram realizadas atividades com recorrente utilização de questionamentos com o objetivo de definir a questão problema norteadora da nossa pesquisa. Dentre os questionamentos sempre se apresentavam questões como: Qual seria o tema da nossa pesquisa? Quais seriam os nossos objetivos? E geograficamente falando, qual seria nosso foco? Após rodadas de leituras, pesquisas e discussões, chegamos em um consenso sobre a problemática a ser estudada, “Como o período pandêmico impactou os casos de violência contra mulheres no município de Campinas”. As atividades contribuíram para aprofundar e enriquecer nosso conhecimento acerca do problema estabelecido de modo mais geral e no recorte do nosso espaço de estudo.

Deste modo, buscamos analisar a violência contra mulher durante o período pandêmico no município de Campinas, a partir do escopo teórico da Geografia, compreendendo tal questão como um fenômeno espacial.



Diríamos que a Geografia é um campo de estudos que interpreta as razões pelas quais coisas diversas estão situadas em posições diferentes ou por que as situações espaciais diversas podem explicar qualidades diferentes de objetos, coisas, pessoas e fenômenos (GOMES, 2017, p. 20).

Com base nos conceitos do PBL e da geografia citada anteriormente, o projeto recorreu à análise dos dados das notificações de denúncias envolvendo violência contra mulheres no município de Campinas, obtidos a partir do Sistema de Notificação de Violência (SISNOV) da Prefeitura Municipal.

Assim, elaboramos mapas, tabelas e gráficos para facilitar a visualização e análise dos dados. Complementarmente ao método cartográfico empregado, também havia a intenção do emprego de entrevistas com profissionais envolvidos na assistência das mulheres que sofreram violência. Contudo, devido à falta de anuência do Comitê de Ética e Pesquisa da Unicamp em tempo hábil, aliado ao curto período para conclusão da pesquisa⁶, optamos por não contar com as entrevistas.

A espacialidade da violência contra a mulher no município de Campinas

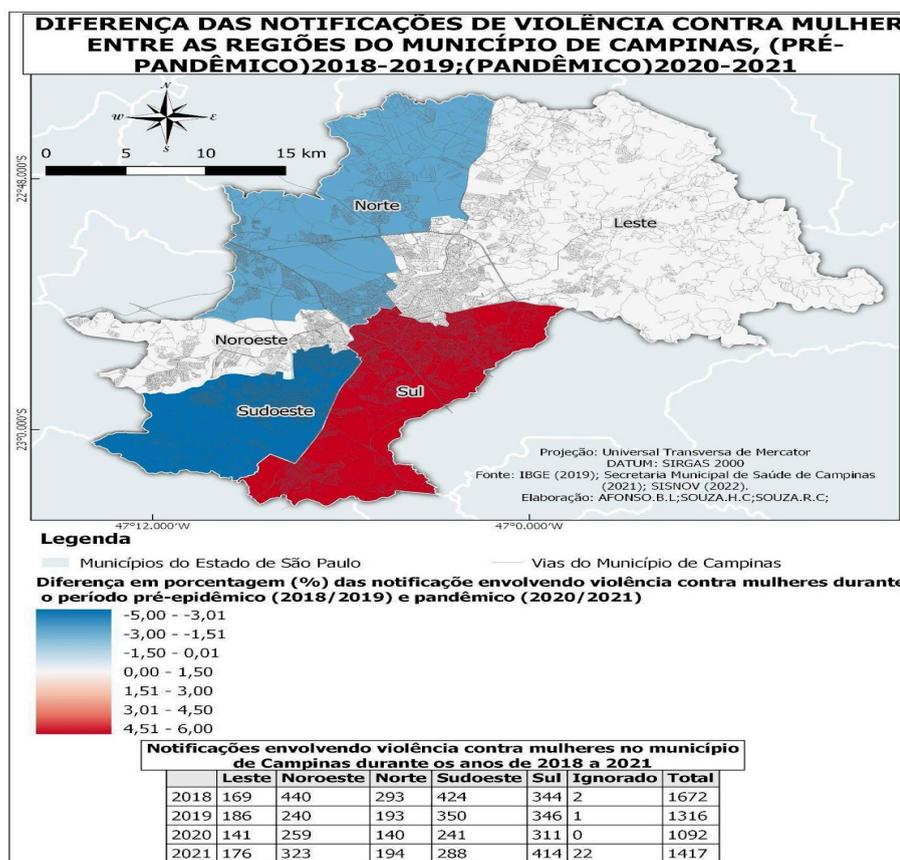
A partir de um texto de Rossetto (2021), vemos que a espacialidade de Campinas aprisiona mulheres em macrorregiões que são desiguais e que fornecem atendimento desigual às mulheres nos equipamentos da Rede da Mulher. Dessa forma, podemos perceber que as regiões periféricas da cidade têm um índice maior de violência, enquanto as regiões mais centrais e com renda mais alta tem índices menores e mesmo assim, são essas regiões as mais atendidas pela prefeitura de Campinas no que tange ao atendimento especializado para a mulher.

Durante a pandemia de Covid-19 observamos o crescimento da violência doméstica na cidade de Campinas. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), no Brasil durante os meses de isolamento em decorrência do Novo Coronavírus, a violência nas ruas diminuiu enquanto a violência doméstica aumentou, ou seja, o isolamento social foi um fator que piorou a relação entre as mulheres e seus agressores, pois realizar a denúncia se tornou ainda mais difícil. Ainda segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), os casos

⁶ Os editais dos projetos pertencentes ao PIBIC-EM e, conseqüente a duração de suas pesquisas, tem o prazo de conclusão de um ano.

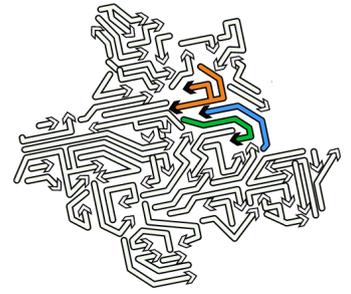
de feminicídio no Brasil cresceram gradualmente desde o início da pandemia, atingindo 631 casos em 2019, 664 casos em 2020, 677 em 2021 e 699 em 2022. Em Campinas esse cenário não é diferente, durante o mesmo período os casos de violência doméstica aumentaram até 30%, como apontam Cordeiro e Jerônimo (2021). Para que a luta em defesa da vida das mulheres se torne mais forte, é preciso incluir o cenário pandêmico nessa discussão. Ao fazermos isso, poderemos traçar um caminho que ajude na implementação de novas políticas públicas e novos métodos de proteção. A relevância desse projeto se dá justamente por esse caminho que ele ajudará a traçar.

Figura 1 – Mapa de notificações de violência contra a mulher nos períodos pré-pandêmico e pandêmico em Campinas



Elaboração: autoras. Fonte: IBGE (2019); Secretaria Municipal de Saúde de Campinas (2021) e SISNOV (2022)

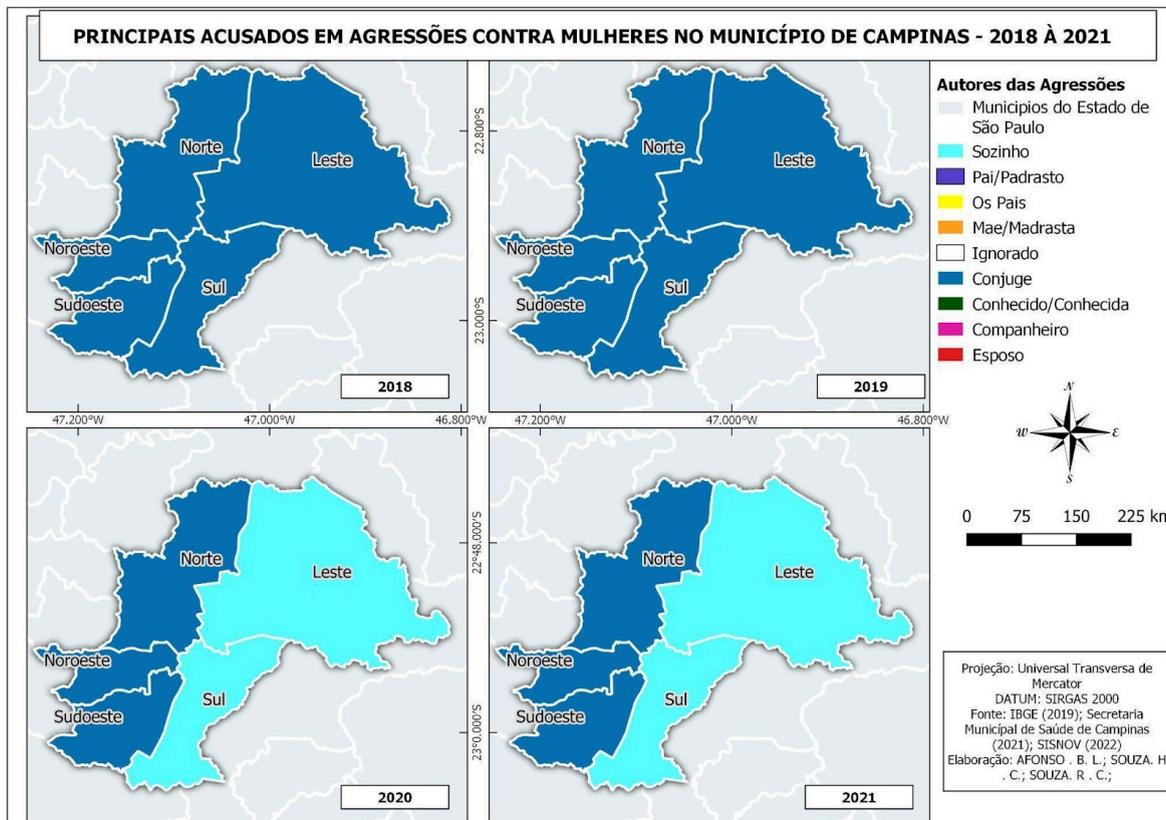
No mapa disposto na Figura 1, é possível observar a diferença na ocorrência de casos de violência contra a mulher nas regiões de Campinas. Além disso, o mapa apresenta um



gradiente de cores onde o azul representa maiores quedas de notificação; o branco é neutro/não houve alteração, e o vermelho escuro representa aumento de notificações. Sendo

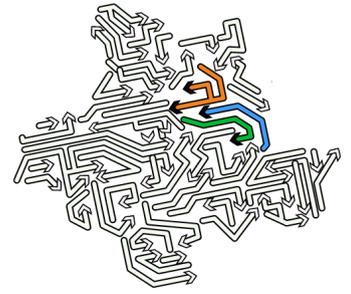
assim, com base no mapa podemos observar que nas regiões Sudeste e Norte, houve queda nas notificações. No entanto, se observarmos a tabela, vemos que a queda se dá no ano de 2020 e que em 2021, apesar de ainda ter um número de casos menor do que 2018 e 2019, voltamos a observar o crescimento no número de casos. Já na região em vermelho no mapa, observamos um crescimento alarmante em relação aos anos de 2018 e 2019 (pré-pandêmico) e os anos de 2020 e 2021 (pandêmico). Ao levarmos em conta os extremos apontados no mapa, podemos considerar que a situação da violência contra a mulher no município de Campinas é grave. A leitura deste mapa também nos aponta os fatores sociais relacionados às notificações de casos de agressão, já que a região em estado alarmante de aumento de casos é uma região periférica e com bairros em vulnerabilidade social no município de Campinas.

Figura 2 – Mapa dos principais acusados em agressões contra mulheres no município de Campinas.
Fonte: IBGE (2019); Secretaria Municipal de Campinas (2021); SISNOV (2022).



Elaboração: autoras. Fonte: IBGE (2019); Secretaria Municipal de Saúde de Campinas (2021) e SISNOV (2022)

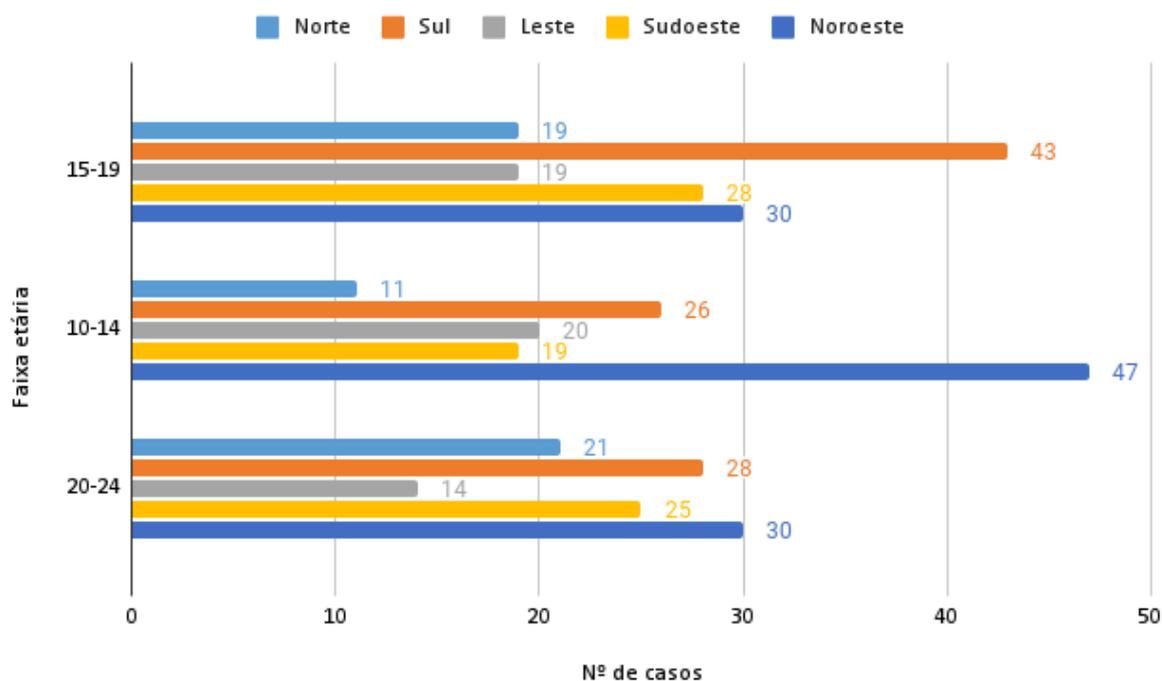
Na Figura 2 nós observamos os principais acusados de agressão contra mulheres no período de 2018 e 2019 (pré-pandêmico) e 2020 e 2021 (pandêmico). Durante o período pré-pandêmico é possível observar que todas as regiões de Campinas apresentam o cônjuge como o principal autor, já no período pandêmico vemos que nas regiões leste e sul a categoria “sozinho” é apresentada como principal autor da agressão. Ao relacionarmos o mapa 2 com o mapa 1, podemos chegar a uma hipótese de que a categoria “sozinho” pode configurar uma violência que não foi devidamente exposta e/ou denunciada. Dessa maneira, chegamos ao principal efeito da pandemia na vida das mulheres: a relação com seus agressores durante o isolamento social. Ao ser decretado o isolamento social durante o agravamento de casos de Covid-19 nos Estados brasileiros, as mulheres estiveram mais tempo com seus agressores. Tornou-se mais difícil que denunciasses para a polícia e para que saíssem desses relacionamentos. Nos anos de 2018 e 2019, os principais agressores eram os cônjuges e segundo pesquisa realizada pelo IPEA em 2015.



[...] observa-se que, quando o agressor é o cônjuge ou ex-cônjuge, ou ainda um parente, as agressões ocorrem com maior frequência em casa. Um dado significativo é que mais de 60% das agressões que ocorreram na rua foram cometidas por pessoas conhecidas. As agressões de pessoas conhecidas na rua são mais comuns para mulheres brancas (63,6%) que entre as negras (57,8%). Em contrapartida, as agressões de cônjuges e ex-cônjuges ocorridas na rua são mais comuns entre mulheres negras (13%) que entre brancas (7,9%). O mesmo ocorre no caso dos parentes (ENGEL, 2015, p. 16).

Ou seja, já é senso comum no Brasil que a maioria das agressões sejam praticadas por cônjuges e, em outros casos, na maioria das vezes é cometida por algum outro parente da vítima. A relação vítima-agressor é um dos fatores primordiais para compreender a configuração da violência durante a pandemia, especialmente quando nos atentamos à localização das regiões com maiores números de notificações no município de Campinas.

Figura 3 – Gráfico dos casos de violência doméstica por faixa etária no município de Campinas-SP em 2020.

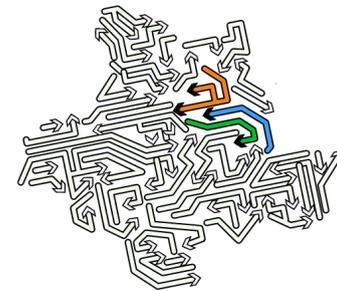


Elaboração: autoras Fonte: SISNOV (2022).

No Gráfico 1 (Figura 3) obtemos os dados em relação à faixa etária das mulheres vítimas de violência, assim podemos perceber que as principais vítimas em Campinas são mulheres jovens, ainda na adolescência segundo a OMS, entre 10 e 19 anos. Já o terceiro grupo de jovens mais atingido é de jovens adultas entre 20 e 24 anos. As mulheres mais jovens estão mais suscetíveis à violência e a idade delas torna ainda mais difícil que se afastem de seus agressores, já que além do laço emocional, há também a questão patrimonial, onde dependem de seus agressores financeiramente.

É importante observar também que as vítimas entre 10 e 19 anos ainda estão em idade escolar. A escola é uma instituição importante no reconhecimento de casos de violência doméstica, porém durante a pandemia com o isolamento social, também dificultou a ação de identificação da escola do problema em questão. Dessa maneira, mais uma forma de denunciar o agressor foi perdida.

Considerações finais



O projeto desenvolvido cumpriu seu objetivo ao traçar um caminho através da Geografia crítica, onde possamos entender os fenômenos da violência contra as mulheres no município de Campinas, sempre lembrando a importância de ressaltar que a violência tem diversos fatores sociais envolvidos e, em uma metrópole como Campinas, onde a desigualdade costuma ser mais visível, seria impossível deixar essa questão de fora da nossa pesquisa.

Produzir pesquisas feministas implica um profundo processo reflexivo e crítico, trazendo para o centro da prática científica a dimensão política do saber, seus tensionamentos e paradoxos. Mas acima de tudo, as pesquisas feministas estão comprometidas com o desmantelamento de poderes que mantêm os privilégios epistêmicos e que retira autonomia de certos grupos sociais que fogem à ordem estabelecida no campo científico. Enfim, desobediência epistemológica, subversão de poderes e transparência na produção dos dados de pesquisa são ações que pesquisadores levam em conta para produzir uma ciência comprometida com transformações sociais (PRZYBYSZ; SILVA, 2019, p. 61).

Como apontado na pesquisa, a desigualdade é um fator presente na distribuição da violência em Campinas, de forma que a classe social, etnia e idade influenciam nas violências vividas pelas mulheres. Vemos constantemente notícias sobre feminicídio, agressões e violência, sejam elas físicas, verbais, psicológicas e/ou patrimoniais. O fato é que mulheres estão diariamente enfrentando um machismo endêmico e mortal, essa luta depende de sua posição social. No Brasil, o índice de violência nas ruas diminuiu, enquanto a violência doméstica aumentou durante os meses de isolamento social. O pai, irmão e padrasto tornaram-se os agressores na vida das vítimas e o silêncio tornou-se o maior inimigo delas.

Tivemos algumas conversas antes de decidirmos o tema da nossa pesquisa, mas desde o início tínhamos em mente que a violência era um tema importante a ser abordado nesse momento, especialmente em uma cidade grande como Campinas, onde as notícias sobre violência em nossas comunidades são rotineiras. Mas, para três mulheres jovens, falar sobre a violência de gênero se mostrou o mais necessário. Quantas vezes durante o isolamento social ouvimos sobre diversos casos? A pesquisa foi uma forma de entendermos as violências que atingem a nós mesmas.



Em junho de 2023, alguns meses após a finalização da pesquisa com o PIBIC-EM e apenas um mês depois da OMS ter declarado o fim da pandemia, constantes eram as notícias sobre feminicídios, sendo praticamente um por semana na região metropolitana de Campinas desde que o ano começou. Quanto tempo demoraremos para superar a violência como um reflexo da pandemia?

É a partir desta reflexão que se encontra a importância da produção de pesquisas em Geografia sobre as pautas femininas. Entender as urgências das mulheres sob um olhar geográfico é essencial para a produção de novas políticas públicas e para o combate do machismo tão impregnado na sociedade brasileira.

Fazer parte desse processo de pesquisa científica, oportunidade que o PIBIC-EM e a Unicamp nos trouxeram, não foi apenas um caminho para o conhecimento e para o autoconhecimento, mas também uma maneira de entregar para a nossa cidade um documento que pode servir para ajudar mulheres em situação de violência.

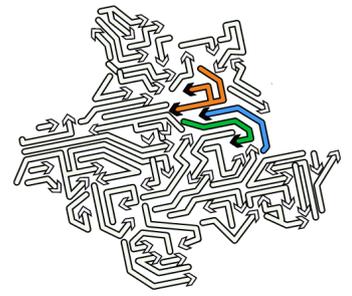
Referências bibliográficas

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; VILHENA DE MORAES, Jerusa Vilhena de Moraes. (orgs.). **Metodologias Ativas: Resolução de Problemas**. São Paulo: FTD, 2016. Disponível em:

<https://anec.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Metodologias-Ativas-1-FTD-INTRODUCAO.pdf>. Acesso em: 25 janeiro de 2022.

CORDEIRO, Carlos Ricardo; JERONIMO, Eduarda de Castro Marins. **Incidência de feminicídio em Campinas durante a pandemia de Covid-19**. Resumo de Iniciação Científica FAPESP - Faculdade de Ciências Médicas (FCM), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2022. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/199370/incidencia-de-feminicidio-em-campinas-durante-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 22 fevereiro 2022.

ENGEL, Cíntia A violência contra a mulher. In: SPOSITO, Natália Fontoura, Marcela Rezende e Ana Carolina Querino (org.). **Beijin +20: avanços e desafios no Brasil**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2020. p. 159-216. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10313/1/AViol%c3%aanciaContraMulher_Cap_4.pdf. Acesso em: 22 agosto 2022.



FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf?v=v2>>. Acesso em: 22 agosto 2022.

GOMES, Paulo César da Costa. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

IBGE. Censo 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/panorama>>. Acesso em: 21/08/2023

LIMA, Renan Pessina Gonçalves; PINTO, Igor Cauê Vieira de Oliveira; CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues, [et al]. Iniciação científica com ensino médio: a aprendizagem baseada em problemas como forma de investigação geográfica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 26, p. e22, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/67519>. Acesso em: 19 jun. 2023.

ROSSETTO, Maria Júlia Buck Rossetto. Violência contra as mulheres e instituições públicas em Campinas - SP: O paradoxo entre a lógica espacial masculina e a experiência feminina. **Revista da ANPEGE**. v. 17. nº. 32, p. 367 - 385. 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12461>. Acesso em: 08 agosto de 2022.

Violência contra as mulheres nas ruas cai durante a pandemia, mas aumenta dentro de casa - Notícias. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/797543-violencia-contra-as-mulheres-nas-ruas-cai-durante-a-pandemia-mas-aumenta-dentro-de-casa/>>.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Uma Reivindicação Dos Direitos da Mulher:** Edição Comentada do Clássico Feminista. São Paulo. Boitempo Editorial, 2016.